



Editorial
Paisagem, território e poder: leituras críticas
em tempos de crise

Gabriel Benedito Machado [*]
Giovana Martins Brito [**]

[*] Doutorando e Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). É associado ao Laboratório de História Política e Social (LAHPS/UFJF) e aos grupos de pesquisa Observatório da Extrema Direita e Direitas História e Memória. Editor-chefe da Revista Faces de Clio E-mail: gabrielmachado333@gmail.com

[**] Doutoranda e Mestra em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Graduada em História com Habilitação em Patrimônio Histórico pela UFJF. Membro do ICOMOS Brasil e do Laboratório de Patrimônios Culturais (LAPA/UFJF). Editora-chefe da Revista Faces de Clio. E-mail: giovana_mb@outlook.com.

O conjunto de trabalhos reunidos neste dossiê reafirma a centralidade das categorias paisagem, território, memória e identidade para a compreensão dos processos históricos e das múltiplas formas de apropriação, representação e disputa do espaço. Sob diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, os artigos evidenciam que a paisagem ultrapassa diversas dimensões para constituir-se como expressão de experiências, afetos, práticas culturais e relações de poder. Ao percorrer contextos urbanos, rurais, indígenas e quilombolas, os estudos discutem os impactos da modernização, da expansão urbana, dos grandes empreendimentos e das políticas estatais sobre os territórios, ressaltando os desafios da preservação do patrimônio e da valorização das identidades locais.

Em diálogo com essas questões, o dossiê também enfatiza as múltiplas formas de resistência e produção de territorialidades protagonizadas por diferentes sujeitos históricos. As contribuições reunidas abordam narrativas de memória, práticas religiosas, literatura, cartografias sociais, ensino de História, epistemologias indígenas e saberes comunitários como estratégias de afirmação identitária e contestação de processos de apagamento, expropriação e colonialidade. Em conjunto, os textos demonstram que memória, patrimônio e território

constituem dimensões indissociáveis da experiência social, oferecendo importantes aportes para a reflexão sobre justiça territorial, pluralidade epistemológica e os desafios contemporâneos da preservação e do reconhecimento da diversidade cultural.

Abrindo o dossiê, a entrevista com a professora Dra. Maria Cristina Rocha Simão, arquiteta, urbanista e pesquisadora com ampla trajetória dedicada ao patrimônio cultural, planejamento urbano e preservação das cidades patrimonializadas. A partir de sua experiência, a entrevistada aborda as relações entre paisagem, território, memória e patrimônio, discutindo os desafios contemporâneos da preservação diante das tensões envolvendo turismo, comunidade local e direito à cidade. Ao enfatizar a centralidade dos moradores e das experiências cotidianas na construção dos territórios patrimonializados, a entrevista oferece importantes reflexões para os debates desenvolvidos ao longo deste dossiê.

Em sequência, o artigo *A formação do município de Campo Mourão e sua relação com a malha viária e crescimento agroindustrial* de Cristina de Oliveira dos Santos, Sérgio Fajardo e Aurea de Andrade de Andrade Viana examina a formação urbana de Campo Mourão (PR) em articulação com a expansão da malha viária e o crescimento da agroindústria. A partir dos conceitos de paisagem e planejamento urbano, os autores discutem as transformações decorrentes da modernização, destacando o papel da PR-317 no desenvolvimento regional e as tensões entre o crescimento urbano, a preservação do patrimônio histórico e a valorização da identidade cultural do município.

Dando continuidade, o artigo *História Regional, Narrativas Afetivas da Memória, cidades e identidades* de Marcia Regina de Oliveira Lupion e Neilaine Ramos Rocha de Lima propõe uma abordagem para o ensino de História tendo em vista o conceito de Narrativas Afetivas de Memória. Ao entender que os vínculos afetivos estabelecidos com lugares, objetos, imagens e vivências representam elementos essenciais para uma educação voltada à compreensão do tempo vivido, as autoras destacam a importância de práticas educativas que mobilizam a memória e a identidade como instrumentos de investigação e ensino.

No artigo seguinte, as autoras Tainá Sousa Oliveira e Fernanda Alves de Brito Bueno apresentam o trabalho *Elementos identitários na paisagem da Vila Iata em Rondônia: estudo de caso em territórios isolados*. Fundamentado no conceito de caracteres identitários da paisagem, o estudo compreende a paisagem como uma construção dinâmica, marcada por permanências e transformações. As autoras ressaltam a necessidade de registrar e preservar os elementos materiais e imateriais que conformam a identidade da Vila Iata, diante dos processos de descaracterização e das ameaças ao patrimônio e ao território amazônico.

Território e literatura se encontram em “*Paisagens da favela: memória e esquecimento sob o olhar de Carolina Maria de Jesus*”. O artigo de Thiago Oliveira de Sá e Samene Batista Pereira Santana analisa a obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960), articulando raça, classe, gênero e território na construção da paisagem da favela do Canindé, em São Paulo. A partir da narrativa de Carolina Maria de Jesus, os autores compreendem a favela como um espaço de memória, disputas de poder e apagamentos históricos, ressaltando a paisagem urbana como um campo de luta por justiça social e territorial.

A questão quilombola é abordada no artigo “*Discursos sobre um quilombo urbano: uma revisão narrativa de literatura*”, de Neiva de Assis e Jade Rehen. A partir de uma revisão narrativa sobre a comunidade do Morro da Queimada, em Florianópolis (SC), as autoras analisam os diferentes discursos produzidos sobre esse território. Desse modo, evidenciam tanto as práticas de homogeneização de matriz colonial quanto as narrativas que afirmam sua subjetividade, ancestralidade e pertencimento. O estudo destaca, assim, a importância de reconhecer os quilombos urbanos como territórios de memória, identidade e resistência.

A resistência quilombola também é discutida por Ana Livia Melo Sanromã e Márcia Milena Galdez Ferreira no artigo “*Territórios e Resistências: Mapeamento das violências no campo em comunidades quilombolas do Maranhão e o caso de Alcântara*”. As autoras analisam os conflitos territoriais enfrentados por comunidades quilombolas maranhenses na primeira década dos anos 2000, ao ressaltar as violências promovidas por fazendeiros, grileiros e representantes do agronegócio. Com destaque para os impactos do processo de implantação do Centro de Lançamento de Alcântara, são abordadas as disputas em torno do deslocamento compulsório de famílias quilombolas.

A relação entre território, religiosidade e memória é abordada em “*Nanã dos Olhos D’água: rituais religiosos nos mananciais de Feira de Santana (1920–1940)*”, de Pedro Alberto Cruz de Souza Gomes, investiga as apropriações simbólicas das águas dos mananciais de Feira de Santana (BA) em rituais afro-católicos e afro-brasileiros. O autor enfatiza como esses lugares foram ressignificados pelas práticas religiosas, revelando formas de apropriação do território que deslocavam as lógicas de controle impostas pelo poder público e afirmavam outras territorialidades e modos de vivenciar a cidade.

Em diálogo com as diferentes formas de interação com o território, o artigo “*Abundância e liberdade: a caça Kaingang nas matas do Paraná (século XIX)*”, de André Voitechén, analisa as disputas desencadeadas pelo avanço da política de aldeamentos após a emancipação do Paraná. Em contraposição à perspectiva colonial, o autor explicita a

compreensão Kaingang da paisagem como um espaço multiespécie, no qual a caça constitui uma prática central de sociabilidade entre humanos e não humanos. O estudo demonstra, assim, que a paisagem indígena se constrói a partir de relações próprias com o território, reafirmando formas de existência que extrapolam os limites impostos pelos aldeamentos.

Ainda no campo das epistemologias indígenas, o artigo *“Uma história policêntrica: diálogos entre a teoria da história e as narrativas Borum-Kren”*, de Virgínia Albuquerque de Castro Buarque, Marcone de Souza Guedes, Danilo Antônio Campos da Silva Borum-Kren e Maycon Gabriel Sant'Ana Gomes, promove um diálogo em torno das narrativas do povo Borum-Kren. Ao discutir as configurações étnico-comunitárias e suas cosmovisões, os autores defendem a construção de uma teoria e de um ensino de História mais policêntricos e comprometidos com a descolonização das racionalidades ocidentais. O estudo demonstra que a temporalidade Borum-Kren, ao articular passado, presente e futuro de forma não linear, amplia as possibilidades de compreensão histórica e fortalece alianças interétnicas e conexões pluriontológicas.

Encerrando o Dossiê temático, o artigo *“Lameiros, lances e croas: experiências contra-cartográficas na comunidade Vazanteira da Barrinha”*, de Alice Ferreira dos Santos. A autora analisa as territorialidades da comunidade Vazanteira da Barrinha, no Norte de Minas Gerais, a partir do uso da cartografia social e calendários agroecológicos. Ao privilegiar as categorias locais de espaço e tempo e a relação dos moradores com o Rio São Francisco, o estudo destaca as potencialidades das práticas contra-cartográficas na valorização dos saberes comunitários e na denúncia dos impactos da expropriação territorial.

No que se refere à seção dos artigos livres, o trabalho *“A capoeiragem como arma de defesa das massas negras e expressão material da luta de classes brasileira do século XIX ao século XX”*, de André Luiz Pereira Pinho, analisa a capoeiragem como prática de autodefesa, resistência e organização política da população negra. O autor demonstra como a criminalização da capoeira integrou um projeto de disciplinamento sustentado pelo racismo estrutural, ao mesmo tempo em que evidencia sua permanência como expressão de resistência simbólica e política frente às contradições do capitalismo brasileiro.

A edição é finalizada com o artigo *“Nacionalismo e Judaísmo: um debate sobre etnonacionalismo judaico”*, de Helen Rotta. A autora analisa como a construção de um passado comum, língua e identidade étnico-cultural contribuíram para a formação do nacionalismo judaico no contexto das transformações políticas do final do século XIX. Nesse sentido, o texto discute as relações entre memória, identidade e a constituição do Estado de Israel.